



Nuno Costa Santos

Tão Português que Até Dói

Assistiram à entrevista feita ao escritor José Rentes de Carvalho, hoje com 92 anos, gravada na sua aldeia em Trás-os-Montes, e transmitida pela RTP? Se não virem, aconselho. Está aqui: <https://www.rtp.pt/play/p10074/e624465/primeira-pessoa>

É uma sugestão para os que gostam de pessoas autênticas, que não estão aqui para ludibriar o pagode, que percebem a intenção do gesto de alguém que critica o seu país, denuncia as fendas do seu lugar e tem razões para tal. De uma personalidade que não anda aqui para pôr debaixo do tapete os problemas históricos da terra onde cresceu, Esteveais, Douro Interior, que ainda hoje subsistem, como a pobreza, a violência, a rudeza, o sentimento de abandono transformado em mágoa. Os que sabem que a arte, no caso a arte literária, tem uma vocação para denunciar a miséria dos lugares, o esquecimento estrutural a que estão sujeitos por gente que, estando relativamente perto na geografia, parece estar muito longe. Para os que percebem que amar não é só dizer que é tudo muito bonito e idílico. Para quem valoriza todos os olhares, também os dos que estiveram fora, sem deixar de estar dentro, decisivos para ter uma visão mais crua das realidades, das dores e sombras das comunidades.

Há algo notável que distancia José Rentes de Carvalho, que só começou a ter alguma visibilidade em Portugal há uma década e meia, de escritores maiores como Eça de Queirós que, apesar do seu brilhantismo literário, tiveram a fraqueza de se deslumbrar com “o estrangeiro” - no caso com Paris, com muitas virtudes, por certo, mas com muitos defeitos, com certeza. É o autor de romances como “Ernestina” e “La Coca” - sobre o contrabando vário da sua zona, que faz fronteira com Espanha. Mas também de “Com os Holandeses”, obra

muito crítica da maneira de ser e dos costumes na Holanda, onde viveu durante anos e anos, enquanto professor. E, já agora, se afirmou.

O programa - e não estarei a perturbar o visionamento a ninguém ao dizê-lo - acaba com o escritor, acompanhado da entrevistadora, Fátima Campos Ferreira, perante a solidão da sua paisagem. Para trás ficam rijos lamentos perante todos os que deixaram o interior ao abandono, por mais que surja amiúde nos discursos, sobretudo após catástrofes como a de Pedrógão Grande.

Se Rentes de Carvalho se sente menos português depois de tanta crítica? Não. Afirma de modo comovente: “Sou um português, portuguêsíssimo até à medula, até à chatice. Sou tão português que até dói”. Apesar de ter crescido entre gente que só se alimentou de “pão, cebola, couves e água”, e de pisar uma terra na qual no cemitério não há direito a nomes mas apenas ao anonimato da morte, mantém o sentimento de pertença.

Não estamos perante alguém imaculado. Há uma maldadezinha sarcástica neste escritor. Um histórico de rezinguiças - uma vez assisti a uma homenagem que lhe fizeram em Matosinhos, na qual satirizou sem dó as mordomias florais que as autoridades, com a melhor das intenções, lhe preparam. Não tenhamos dúvidas: este é um homem magoado, agreste até mais não. Mas também capaz de nos comover na forma preocupada e compassiva como fala dos seus - os de ontem, os de hoje, os de amanhã.

Acima não recomendei a entrevista a quem, nos Açores, nos poderes, formais e informais, à verdade dos factos, persiste, a coberto de um muito puro (ah, tão puro) “amor à terra”, em anular as suas possibilidades. José Rentes de Carvalho tem muito para vos ensinar.

Ribeira Grande retoma a celebração da festa em honra do Espírito Santo



distribuição de sopas e oferenda de pensões a famílias carenciadas.

As celebrações vão contar com a participação das cerca de cem crianças que frequentam a rede de CATLs da Casa do Povo da Ribeira Grande e respectivos familiares, sendo esta uma forma de “assegurar a transmissão de valores aos mais jovens”, bem como “garantir a continuidade das nossas tradições junto daqueles que serão os homens de amanhã”, explicou Albano Melo Garcia.

O Presidente da Casa do Povo da Ribeira Grande salientou que “será um dia de festa para as nossas crianças e respectivos familiares, na medida em que iremos retomar uma tradição que esteve interrompida nos últimos dois anos devido à pandemia”, acrescentando que “hoje, mais do que nunca, é importante valorizar a partilha e ajudar quem mais precisa.”

Do programa da festa consta a eucaristia na igreja do Espírito Santo, às 12h00, seguida de coroação e partilha das sopas, massa sovada e arroz doce a partir das 14h00, na escola do Espírito Santo. Haverá animação para as crianças e um momento musical a cargo do artista Nuno Martins.

A Casa do Povo da Ribeira Grande celebra na próxima Sexta-feira, 24 de Junho, a partir das 11h30, a festa em honra do Espírito Santo, festividade que contará com celebração de eucaristia na igreja do Espírito Santo, seguida de coroação,

Cineteatro lagoense recebe palestra «Numídico Bessone: Um Lagoense “Esquecido”»

O Cineteatro lagoense Francisco d' Amaral Almeida irá receber, dia 25 de Junho, a partir das 18h00, a palestra intitulada «Numídico Bessone: Um Lagoense “Esquecido”», proferida pela professora Susana Goulart Costa.

Organizado pelo Instituto Cultural Padre João José Tavares, este evento cultural conta com o apoio da Câmara Municipal de Lagoa.

Através da apresentação de Susana Goulart Costa, todos os interessados em participar nesta palestra, poderão inteirar-se da biografia do lagoense Numídico Bessone e da sua obra estatutuária, sendo o escultor e medalhista, pouco conhecido pelas pessoas.

Nesse âmbito, este momento pretende, igualmente, homenagear Numídico Bessone e dar a conhecer o seu trabalho, com a projecção de imagens das suas estátuas. Apesar de não existir nenhuma obra do escultor na Lagoa, o artista deixou obra feita em várias cidades da ilha de São Miguel, nomeadamente em Ponta Delgada, Vila Franca do Campo e Ribeira Grande.

De salientar que, Numídico Bes-



**NUMÍDICO BESSONE:
UM LAGOENSE "ESQUECIDO"**

Palestra proferida pela Professora Doutora Susana Goulart Costa

25 JUNHO 2022 | 18h00

Cineteatro Lagoense Francisco d' Amaral Almeida



sone nasceu na Lagoa, em 1913, e faleceu, em Lisboa, em 1985, foi um ilustre escultor e medalhista, com uma vasta obra de notáveis exemplares de estatutuária pública.